

LEONARDO MOTA NETO

Salvaram-se todos

23 MAR 1988

CORREIO BRAZILIENSE

Somente um líder da responsabilidade do deputado Ulysses Guimarães poderia ter concedido o tempo a que os oradores se sucederam na tribuna, antes da votação da Emenda Humberto Lucena. Assim, ninguém poderia acusá-lo de ter apressado de tal forma o processo de votação que restringiu o debate a uma questão elitista. Falaram todos, e a sessão teve até um tom saudosista de estudantes quando falou o ex-líder estudantil Vladimir Palmeira, quem diria, assomando à tribuna para defender o senador pela Paraíba, um político nada revolucionário.

Mas o Dr. Ulysses deixou falar, e, falando, os defensores de um sistema e de outro revelaram quão frágil é a base em que sustentavam seus argumentos: emocionalismo, passionalismo, pesquisa do "Diário do Congresso" para descobrir fragilidade dos outros. O senador Luís Viana Filho, quando chegou à tribuna, deu um leve indício de que iria recorrer a seu biografado Ruy Barbosa, mas não: preferiu citar um antigo discurso parlamentar do senador Humberto Lucena. A doutrina deu espaço à tropa. No plenário viam-se muitos constrangidos presidencialistas pelo esforço de ter de aprovar uma emenda que jamais chegou a figurar nos seus sonhos doutrinários de manutenção de um regime a que os civis nunca tiveram acesso na sua acepção mais pura. O senador Marco Maciel, por exemplo, um eterno lutador pelas formas exatas da doutrina, era obrigado a conviver, na bancada dos presidencialistas, com sorridentes políticos fisiológicos, que haviam trocado suas poucas convicções por algumas benesses.

Mas quando o senador Afonso Arinos falou, repôs a luz à questão fundamental: não se tratava, aquela votação, de uma disputa esportiva, para que o ganhador se glorificasse de uma vitória ao último minuto de jogo, com gol roubado, em impedimento cívico, e sob as vistas de um juiz (Ulysses) complacente. Essa vitória levaria em pouco a instituição política a enfrentar um confronto real, advindo não de suas falhas, mas da própria ruptura da moral institucional.

Nada salva o sério: somente a seriedade. Por isso o professor Arinos teve razão, mais uma vez, ao ressaltar a qualidade de uma decisão fora da área de influência do impasse e do enfrentamento. Valeu mais evitar a confrontação que evidenciar o brilho dos argumentos doutrinários. Esse ambiente contagiou até mesmo o irascível deputado José Lourenço, que fez apologia de uma "sugestão" a seus liderados do PFL, em vez de concitá-los a um voto igualitário. Ninguém queria passar por fisiológico num momento tão fundamental para a vida do País. São momentos que a instituição política deveria resguardar. E guardar, para balizar seus próximos passos.

De tanta algaravia, saiu afinal a decisão. No cair da tarde, uma tarde para ser lembrada por quem não viveu os idos de 62 e de Jango Goulart, quando quis se livrar da Junta Militar, os parlamentares disseram sim ao presidencialismo. Repudiaram uma imagem da história — 62, e suas conseqüências — em nome de uma razão mais séria: a salvação de todos, a começar pelo Presidente da República.